

**SOFRIMENTOS E RESISTÊNCIA: A LITERATURA COMO FORMA DE  
SUPERAÇÃO DA VIOLÊNCIA COLONIAL EM UM DEFEITO DE COR, DE  
ANA MARIA GONÇALVES**

Adriana Minervina da Silva

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

adrianaminervina@gmail.com

**Resumo:**

Este estudo é parte de um projeto de pesquisa de doutorado em Teoria da Literatura e tem por objetivo analisar a superação da violência e início da formação intelectual da personagem Kehinde na obra *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves. A obra é ambientada nos anos de 1800, período historicamente marcado pelas relações coloniais de poder e pela escravidão. A narrativa se concentra na vida da personagem Kehinde, mulher de origem africana, capturada ainda na infância e trazida para o Brasil para ser vendida como escrava. Ao longo de sua história de vida, Kehinde convive com diversos sofrimentos e situações de violência. Após passar por tantas adversidades, ela consegue sua liberdade e sua emancipação financeira, tornando-se uma mulher intelectual, profundamente afetada pela leitura dos textos literários que tem acesso. Propomos, assim, uma leitura a partir dos Estudos Culturais e de Gênero, considerando o contexto histórico e social ao qual se insere a obra, bem como a construção simbólica dessa personagem. Para tanto, contamos com as contribuições de autores como Jacob Gorender (2016), Quijano (2005) e Spivak (2012). Em *Um defeito de cor*, a mulher escravizada tem a oportunidade de reafirmar a sua resistência a partir da literatura.

**Palavras-chave:** Colonialismo, Superação da violência, Literatura.

**Introdução**

Este estudo tem por objetivo principal discutir a superação da violência e como a personagem Kehinde, de *Um defeito de cor* (GONÇALVES, 2016), toma consciência de si e de sua condição de escravizada a partir da leitura de textos literários. A obra é ambientada nos anos de 1800, período historicamente marcado pelas relações coloniais de poder e pela escravidão. Diante desse contexto, a obra relata diversos conflitos ocorridos na História do Brasil a partir da literatura. É, por isso, considerado um romance histórico.

O foco narrativo se mantém na história de vida e experiências da personagem protagonista, que capturada em seu país de origem, África, é trazida para ser vendida como escrava no Brasil. Entre muitas situações de conflito, violência e sofrimentos, Kehinde consegue, a seu modo, se sobressair do contexto de violência colonial e obter sucesso financeiro. Para isso, as leituras literárias as quais ela tem acesso são de extrema importância.

A sinhazinha tinha muitos livros iguais àquele, e outros que me disse serem livros de poesia [...]. Elas, as poesias, conversavam com alguma coisa que eu tinha dentro de mim e proporcionavam a mesma felicidade que eu sentia ao ouvir orikis, embora nem sempre fossem alegres, como não era a grande maioria. Mas, mesmo sendo tristes, eu as sentia, e era isso que me deixava feliz. (GONÇALVES, 2016, p.162).

A cada leitura, ela se reinventa, amadurece, torna-se mais crítica e consciente, passando a refletir sobre a sua condição. Com isso, vamos tratar, inicialmente, sobre o contexto ao qual a obra foi escrita, em seguida, discutiremos a protagonista Kehide e sua construção simbólica e ainda do início da formação intelectual dela.

A literatura modifica a subjetividade dessa mulher, proporcionando a superação de seus sofrimentos e a conscientização de si mesma. A personagem consegue, apesar de tudo, ter uma história de vida diferenciada a partir do contato com a literatura, que vem a ser transformador a ponto de modificar a sua visão e compreensão de mundo.

### **1. “Um outro mundo dentro do mesmo”: mentalidades e violência colonial**

A principal ambientação histórica presente na obra *Um defeito de cor* é a escravidão. Segundo Jacob Gorender (2016, p.89), “a escravidão é uma categoria social que, por si mesma, não indica um modo de produção.” De fato, as pessoas trazidas ao Brasil para serem escravizadas trabalhavam nos mais diversos serviços, nas casas dos senhores com o serviço doméstico, no campo, nas fundições, nos engenhos ou até em comércios, sendo escravos de ganho. Rapidamente tornou-se uma prática bastante lucrativa para os colonizadores.

Os escravos não podiam ser donos de seus próprios destinos. Eram obrigados a trabalhar para seus donos e lhes deviam obediência e fidelidade. Segundo Gorender (2016, p. 89), é justamente essa a característica mais essencial do ser escravo, “a condição de propriedade de outro ser humano”. Despidos de sua humanidade, considerados inferiores e sem alma, os escravos, naquele contexto, raramente podiam reclamar ou se rebelarem (embora saibamos das muitas tentativas de resistência à escravidão).

Eram constantemente vigiados e brutalmente punidos em casos de desobediência, sendo considerados “uma coisa, um bem objetivo.” (GORENDER, 2016, p.92). Desse modo, não havia respeito a eles, suas culturas ou subjetividades. Eram vistos como uma propriedade usada para dar lucros.

Assim, nesse período em que se desenvolve a obra *Um defeito de cor*, as relações de poder, bem como as boas condições de trabalho eram concentradas nas mãos de homens brancos e ricos da época, que escravizavam os negros por julgá-los inferiores e incapazes. Segundo Aníbal Quijano (2005), com a globalização em curso, ocorre a culminação de um processo que começou com a constituição da América e do capitalismo colonial moderno e eurocentrado como um novo padrão de poder mundial. Para ele, os efeitos do eurocentrismo nas sociedades onde emergem a colonialidade do poder tem sua raiz no colonialismo.

Quijano (2005) trabalha com categorias como classe, raça, gênero e divisão social do trabalho. Sobre a ideia de raça, por exemplo, em seu sentido moderno, ele afirma que não tem sua história conhecida antes da América, que provavelmente é uma herança das diferenças entre conquistadores e conquistados. Dessa classificação nascem diversas outras identidades (negros, índios e mestiços), sempre consideradas como inferiores nas relações de dominação. Essa codificação foi uma maneira de outorgar legitimidade às relações de dominação impostas pela conquista. Historicamente, isso significou uma legitimação das ideias e práticas de relações de superioridade/inferioridade entre dominantes e dominados.

Tais noções implicaram diretamente na organização social do trabalho. Com o capitalismo, aparecem muitas formas de exploração e controle da produção/apropriação/distribuição de produtos em torno da relação capital-salário.

Porém, nem todos poderiam participar ativamente desse processo, os povos colonizados, classificados como inferiores não eram dignos de salários, sendo obrigados a viverem como escravos, sendo apenas partes subordinadas num novo padrão global de controle do trabalho.

Assim, a ideia de raça foi associada à natureza dos papéis e lugares na nova estrutura de controle do trabalho. Apenas os portugueses e espanhóis considerados a raça dominante, poderiam receber salários, comercializar mercadorias de modo independente. Somente tempos depois, impôs-se o fim da escravidão dos índios e, mais tarde, dos negros.

Quijano (2005), afirma que todos esses elementos de controle político, social e cultural compõe a colonialidade do poder, que também resulta do processo de racionalização das relações sociais de trabalho. Todas essas questões oriundas de processos históricos geram profundas mudanças das subjetividades (ou intersubjetividade, conforme ele cita).

Esses elementos podem ser percebidos em *Um defeito de cor*, em que, mesmo criança a protagonista Kehinde toma consciência de sua condição de escrava: De repente, vimos surgir do meio da mata, na direção de outro engenho, alguns grupos de pretos correndo de cães e de tiros, gritando palavras como liberdade, morte aos brancos e justiça. “[...] Olhando para um deles que tinha tombado perto de mim, o corpo caído do costas e se debatendo, meu peito foi ficando apertado com a visão do riozinho de sangue, ao mesmo tempo em que nascia em mim uma revolta muito grande pela nossa condição.” (GONÇALVES, 2016, p.144).

Após uma tentativa de fuga, os escravos encontrados na busca são punidos com armas de fogo, sendo mortos sem direito a nenhum cuidado. Em sua condição de subserviência, eram obrigados a aceitar os maus tratos, sem oportunidade de reivindicar direitos ou pedir justiça. Qualquer forma de discordância daquele sistema implicaria em punições extremas, inclusive a morte. Ao presenciar isso, Kehinde passa a compreender quão difícil seria conviver naquele contexto hostil. Mesmo diante de tantas dificuldades, ela persiste e consegue construir uma história de vida a partir da superação da violência colonial que a cercava.

## 2. Kehinde: sofrimentos e resistência

Nascida em Savalu, reino de Daomé, África, Kehinde teve uma infância marcada pela violência e opressão do sistema colonial. Trazida ao Brasil para ser escravizada, ela cresce observando e sentindo na pele o peso de sua cor, as injustiças e as constantes lutas que teria que superar para tentar ter um destino diferente. Ainda menina, perde todos os seus parentes, a mãe, o irmão e uma irmã gêmea, e também a avó. Ao longo de sua vida, vai encontrando apoio entre os que também sofrem das suas dores.

Nas descrições do trajeto até chegar ao Brasil, é possível ter uma ideia de como os escravos eram maltratados, despidos de sua humanidade e obrigados a servirem a um sistema opressor:

O navio tinha dois porões, e o de baixo, onde fomos colocadas, era um pouco menor que o de cima, pelo qual passamos sem parar. Também não tinha qualquer entrada de luz ou de ar [...] Parecia que estávamos sozinhas, porque ao redor de cada uma de nós era só silêncio. Silêncio que mais parecia um pano grosso e sujo, que tomava todos os espaços e prendia debaixo dele o ar úmido e malcheiroso, sabendo a mar e a excrementos, a suor e a comida podre, a bicho morto. Carneiros, talvez. Era como se todos esses cheiros virassem gente e ocupassem espaço, fazendo o lugar parecer ainda mais sufocante. (GONÇALVES, 2016, p.45).

Os cheiros desagradáveis competiam por espaço como pessoas naquele contexto hostil em que viajavam. Sobreviver a viagem já era por si um movimento de resistência. Os traumas vivenciados misturavam-se a saudades de casa, a dor da perda dos entes queridos e era necessário reunir forças para seguir sobrevivendo, agora, em terras estrangeiras, aprendendo uma nova cultura, língua e costumes, reelaborando as identidades.

Há na obra diversos relatos de violências sofridas pela protagonista. Um deles, muito significativo, o relato de quando Kehinde sofre estupro. Quando era ainda adolescente, Kehinde se apaixona por um homem, também escravo, Lourenço e pensavam em se casar. Mas já sendo observada pelo seu senhor, José Carlos, ela é levada a um lugar reservado para “servir” (sexualmente) a ele. Na primeira tentativa, seu noivo

consegue salvá-la. Mas, após ser pego e castigado, o fato é consumado na presença dele, que também é estupro e ainda castrado.

O sinhô José Carlos perguntou se eu achava que ia conseguir escapar e nada respondi, nem mesmo olhei para ele, porque eu achava que sim, que depois do acontecido ele não ia mais insistir. Mas, além disso, da insistência, ele conseguiu ser muito mais vingativo do que eu poderia imaginar, ao entrar no quarto e dizer que a virgindade das pretas que ele comprava pertencia a ele, e que não seria um preto sujo qualquer metido a valentão que iria privá-lo desse direito. (GONÇALVES, 2016, p.170)

A relação de propriedade do senhor José Carlos para com Kehinde é claramente assumida nesse trecho. Sendo de sua propriedade, teria ele direito de possuir suas escravas, inclusive as virgens, quando ele desejasse. A posse do corpo representa também o sistema de dominação simbólica, os donos não dispunham apenas dos serviços manuais de seus escravos, mas da vida deles como um todo. O escravo teria a obrigação de satisfazer o seu dono em todos os âmbitos que ele desejasse.

Kehinde sempre teve em si o pensamento de superar aquele contexto adverso em que viviam os escravos, pois ela compreende que somente assim poderia ser dona de sua própria vida:

Apesar da pouca idade, acho que foi naquele momento que tomei consciência de que tinha que fazer alguma coisa, pelos meus mortos, por todos os mortos dos que estavam ali, por todos nós, que estávamos vivos como se não estivéssemos, porque as nossas vidas valiam o que o sinhô tinha pagado por elas, nada mais. (GONÇALVES, 2016, p.144).

A partir da tomada de consciência de sua condição e da vontade de superar todos os sofrimentos que passava, Kehinde encontra na literatura uma oportunidade de resiliência, de aprender e usar o conhecimento a seu favor. Ao conhecer sobre literatura, sua vida toma novos rumos, ela se sente tocada a cada leitura e motivada a buscar sempre mais: “Mas cada vez eu sentia mais vontade de trabalhar muito e, nas horas vagas, de ler, achando perda de tempo fazer algo além disso.” (GONÇALVES, 2016, p.278).

A história de Kehinde com a literatura se mistura com a sua amizade com a Sinhazinha Maria Clara (filha do senhor José Carlos), a primeira mediadora de suas leituras. As vidas das duas moças se cruzam a partir do momento em que Kehinde é

comprada pelo pai da Sinhazinha para ser sua escrava cuidadora. Com o tempo e a convivência os laços são estreitados e passam a colaborar entre si. Foi através da obrigação dos cuidados com a Sinhazinha que Kehinde pôde ter acesso às primeiras letras, ao acompanhar sua protegida nas aulas: “Fiquei feliz por poder assistir às aulas na qualidade de acompanhante da Sinhazinha, e tratei de aproveitar muito bem a oportunidade.” (GONÇALVES, 2016, p.92).

Com isso, Kehinde adquire um bom nível de letramento, demonstrando interesse em aprender a ler e escrever. Este conhecimento será divisor de águas em sua história de vida, sendo aperfeiçoado em suas leituras literárias. Depois que a Sinhazinha Maria Clara retorna de sua viagem ao convento, onde vai fazer a complementação dos estudos, ela apresenta a Kehinde algumas de suas leituras literárias:

Era o caso da Sinhazinha, que me mostrou vários livros que estavam com ela, escritos principalmente por freiras de um modo que eu nunca tinha pensado que mulheres pudessem escrever [...]. A Sinhazinha tinha muitos livros iguais àquele, e outros que me disse serem livros de poesia [...]. (GONÇALVES, 2016, p.161-162).

Essas experiências literárias modificaram para sempre a vida da jovem Kehinde, servindo ainda para fortalecer o elo de amizade entre elas. A partir daí, Kehinde busca também suas próprias leituras e tem a ajuda de muitas pessoas que vai conhecendo ao longo de sua trajetória de vida, chegando a ler importantes autores da história da literatura universal: “Mesmo no alfarrábio a maioria dos livros era em francês, mas não me importei em gastar um pouco do dinheiro que tanto economizava para comprar livros de, por exemplo, Gil Vicente e Luiz de Camões” [...]. (GONÇALVES, 2016, p.278).

Ao aceitar uma sugestão preciosa de um alfarrabista, que se impressiona ao saber que a moça negra era letrada, chega a conhecer uma das obras mais importantes da literatura universal: “Consegui encontrar um bonito exemplar de O engenhoso fidalgo D. Quixote de La Mancha feito em Portugal.” (GONÇALVES, 2016, p.661). É a partir dessas leituras e do desejo por aprender mais sobre a literatura que ela se motiva a tentar traçar uma história de vida diferente.

### 3.O retorno às origens: superação e sucesso

Passados 30 anos desde que fora brutalmente capturada de sua terra natal, Kehinde resolve retornar à África. Além da frustração pela perda do filho, das inúmeras tentativas de reencontrá-lo (sem sucesso), ela acredita que retornar ao seu local de nascimento pode ser a solução para superar os sofrimentos que a afligiam naquele momento. Apesar das incertezas, ela enfrenta longa viagem mar adentro e chega ao seu destino. “Eu não me lembrava muito bem da África que tinha deixado, portanto, não tinha muitas expectativas em relação ao que encontraria.” (GONÇALVES, 2016, p.731).

Estando já em outro momento de sua vida, já liberta, ainda que sofrendo as consequências do sistema colonial, Kehinde chega à África e lá consegue refazer sua vida também após muitos sofrimentos. Ela se torna uma empreendedora conhecida no ramo de construção de casas após a experiência de ter construído a sua própria casa nos moldes da cultura brasileira. Para isso, ela, inclusive, pede uma contribuição especial:

A preocupação durou até que ele voltasse, quase quatro meses depois, acompanhado de vinte homens, todos nascidos em África e mandados como escravos para o Brasil, libertos e solteiros, relativamente novos e com boa saúde, para que não tivéssemos problema algum. (GONÇALVES, 2016, p.857).

Kehinde passa a convidar outros negros libertos para retornarem à África a fim de trabalharem na construção de sua casa. Tendo a ajuda de alguns amigos da África, ela envia pessoas que consigam recrutar esses homens trabalhadores e que sintam o desejo de retornar à terra natal. Com isso, ela acreditava que daria certo a construção, pois os retornados (pessoas escravizadas no Brasil que voltavam à África) conheciam a cultura brasileira e sabiam construir nesse modelo.

Tal experiência torna-se tão positiva que outros negros bem-sucedidos passam a encomendar a construção de suas casas à Kehinde e solicitam que sejam feitas conforme a dela, “à brasileira”.

Ficamos de nos encontrar alguns dias depois para discutirmos os detalhes da casa, tamanho, tipo de construção, coisas assim, mas antes disso o Felipe já

tinha mandado construir um galpão para morada dos homens que faziam a obra e para guardar os materiais. (GONÇALVES, 2016, p.858).

A partir dessa construção por encomenda, Kehinde tem seu reconhecimento e sucesso, passando a ler sobre isso para se informar melhor e recebendo cada vez mais encomendas que faziam seu negócio prosperar. Esse trabalho será duradouro, ela desistirá apenas por problemas de saúde e a escassez de pedidos, quando então, ela decidirá mudar-se para outra cidade africana.

Podemos perceber que esse processo de superação foi muito importante na vida e carreira da protagonista. Obtendo a liberdade, retornando à África, ela pôde refazer-se e investir em algum meio lucrativo para si. Observamos ainda que tudo isso somente se torna possível após a personagem ter contato com a leitura e a escrita, sendo a leitura literária de maior importância, por proporcionar seu processo de reflexão crítica, consciência de si mesma até superar seus sofrimentos, obtendo sucesso financeiro.

### **Considerações finais**

*Um defeito de cor* é uma obra ambientada nos anos de 1800, que traz à tona conflitos registrados pela História do Brasil. Toda a violência colonial, a escravidão e controle social do trabalho são discutidos a partir da apresentação da história de vida da personagem protagonista Kehinde. Com seu jeito diferente de olhar a vida, visando a partir de suas experiências a superação de todos os sofrimentos pelos quais passou.

Desde a infância, a personagem passa a compreender que precisará de força, luta e muito trabalho para garantir a sua vida e dos seus amigos. Para tanto, passa a compreender como funcionava a colonialidade do poder e apesar de sofrer com seus efeitos, sempre busca meios de superar suas dores a fim de ter melhores condições de vida e trabalho para si e para os seus.

Sua vida muda, de fato, ao ter contato com textos literários, leituras que vão afeitar profundamente a sua história, sem as quais, jamais será a mesma. Kehinde desenvolve uma consciência de si e seus sofrimentos, reelaborando-os a partir de suas experiências literárias. Cada leitura é para ela uma oportunidade de crescimento, de repensar e planejar melhor sua vida, de acordo com o que se consegue apreender do que lê e do que vivencia.

A protagonista terá seu momento de ascensão ao retornar a sua terra natal, onde conseguirá, também após muitos obstáculos, refazer sua vida e obter sucesso financeiro no ramo de construção de imóveis. Ela passa a trabalhar muito, agora, para si, já tendo obtido a sua liberdade e tentando se reconstruir após tantas experiências traumáticas. A violência sofrida foi ressignificada, mesmo deixando marcas, suas dores são reelaboradas para que mantenha-se o foco na sua atual relação de trabalho, por isso, ela consegue, inclusive, ajudar outras pessoas.

Conforme nos diz Spivak (2012), que ignorar o subalterno é continuar o projeto imperialista, precisamos proporcionar espaços de discussão que promovam a inserção da voz dos subalternos, que falem por si, de suas dores e conquistas, assim como acontece em *Um defeito de cor*. É essencial que tais vozes sejam ouvidas, pois, após tantos séculos de silenciamento, é preciso atentar para as margens, o que nos dizem e o que fazem, promovendo conhecimentos e reflexões sobre o mundo, suas condições de vida, perspectivas e sobre si.

### **Referências bibliográficas**

GONÇALVES, A. M. **Um defeito de cor**. Rio de Janeiro: Record, 2016.

GORENDER, Jacob. **O escravismo colonial**. São Paulo: Expressão Popular: Perseu Abramo, 2016.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In:LANDER, E. (Org). **A Colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais** Perspectivas

latino-americanas. Colección Sur Sur, Clacso, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, 2005.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

